

An aerial photograph showing a vast expanse of white, fluffy clouds stretching to the horizon. The sky above is a clear, bright blue. The clouds are dense and appear to be a sea of white, with some darker shadows between them, giving a three-dimensional effect. The overall scene is bright and serene.

Rui Gonçalves da Silva

Chão de Nuvens

INTRODUÇÃO

Aqui, as palavras unem-se para dar corpo ao sonho e voam como pássaros, para lugares imaginários, onde se está bem, na liberdade absoluta de estar, assim como se fosse um céu, com prados de nuvens e vento, onde apetece ficar, no deslumbre de cada instante, com os pés no chão, mesmo que seja um chão de nuvens.

Índice

Mais de Cem poemas, que abarcam sonhos, olhares e vida, em redor de tantas vivências

1. Emoções (O que inquieta e agita a vida e os sonhos)
2. Além (No voo breve das palavras)
3. A Vida (Como se pode sentir a Vida, por dentro de nós)
4. Silêncios e gritos (O que as palavras ocultam)
5. Devaneios e esperança (O lado luminoso de tudo)
6. Sentimentos (Tudo cabe numa palavra)
7. Modos de Olhar e sentir (Tantas são as maneiras de dizer)
8. Espiritualidades (A luz que incendeia os sonhos)
9. Inventário dos dias (Os dias são feitos de tudo e nada)
10. Encantos e desencantos (Nem tudo são rosas, nem tudo são espinhos)
11. Amor e Vivências (Olhares breves pelo sentir)

A Flor e o vento

A borboleta voa com o vento
E luz do dia fala-à flor
E as pétalas irão com a borboleta
Num voo mágico e infinito
Dando mais cor a cada cor.

Então nasce um jardim de cor nos céus
Para enfeitar o sonho de além
Nele está o teu sorriso inscrito
Flor ao vento numa manhã de luz
Tudo no teu olhar bendito
Do que lembro de ti, minha Mãe.

A leveza de um anjo

Havia guerra, tiros, gritos, exaltante convulsão
Um tumulto feito de raiva, ódios, rancores
E ela passava como um anjo, serena, mágica e pura
Numa leveza de Sol, afago e ternura
Calando os brados, os silvos, os clamores
Trazendo às trevas de fumo, a luz de uma ousadia
E amor, em gestos brandos, trégua na guerra fria.

A leveza dos pássaros

Sonho ter a leveza dos pássaros
Queria ter a brandura do seu voo
A suavidade de ir por onde seja
Senhor de mim e do desejo
Voar até onde os meus olhos me levassem
Num voo pleno de encantamento.
Os pássaros personificam esse imaginário
Mas têm em si também outro lado real
Da efemeridade de tudo que é vida
São os pássaros seres frágeis
Vivem no desassossego dos seus ninhos
Na eterna fuga dos seus temores
E num dia destes sem comiseração
Levam um tiro de um caçador solitário
No prazer sádico de matar
Ou são devorados por uma qualquer ave de rapina.
Não há punição para esta chacina
Quando morre um pássaro é mais que isso
Morre mais do que um pássaro em cada pássaro que definha
Fenece um sonho de quem via nele outro sonho
De quem nele contempla a liberdade do voo e a leveza
A suma fragilidade de uma porção exígua de vida
Nele todo o universo, todo o esplendor da natureza.

A máquina

Por mais perfeita que possa ser
Qualquer máquina que se invente
É sempre máquina somente
Mesmo que outra coisa seja
Por mais perfeita que aparente.
A máquina é apenas tecnologia
Sincronizada em mil opções
Mesmo que exata no que faça
Será sempre e só máquina
Mecânica, formal e fria
Imperfeita por mais que perfeita
Uma máquina não é mais do que isso
Um perfeito aglomerado de sistemas
Engenho de filamentos e botões
Mesmo que programada para sentir
Para entender atos e sentimentos
E supostas emoções.
Não há amor numa máquina
Por mais genuína perfeição
O sentimento não é racional
É imperfeito na sua condição
Felizmente as máquinas só reproduzem
O que seja feito com lógica e rigor
E isso não existe nos afetos, nem na ternura
Muito menos no amor.

A minha Ideia Do Mundo

A minha ideia do Mundo
É um globo enorme a girar
Cheio de água, terra e gente
Ruídos, silêncios e ecos
E eu nele, com tantos outros
A senti-lo rodopiar.

A minha ideia do mundo
É esta casa aberta, desconexa
Toda virada às avessas
Girando em torno do Sol, a brilhar
Como se fosse um carroucel de cor
E eu nele a brincar.

A minha ideia do mundo
É este planeta imenso a planar
Numa viagem perdida no tempo
Rodopiando, como se fosse um pião
E eu feliz a sonhar.

A minha Profecia

Assim clamaram os profetas
Ditando tantas profecias
Em muitos o estigma
A maldição e a ira
O ódio e a heresia.

Anunciaram o caos
O castigo, o furor
Tanta raiva, tanto azedume
Tanto anátema e rancor
Tudo em nome do Divino
Tudo em nome do Senhor.

Por isso eu clamo
Em verdade vos digo
Que ninguém perca a esperança
Outro mundo surgirá
E por vontade de quem pode
Sem temor nem castigo
De quem lá no alto nos acode
Haverá outra razão
Outra singela harmonia
Em vez de vingança, perdão
Em vez de mágoa, alegria
Em vez de flagelo, Salvação.

A morte dos outros

Morremos um pouco na morte dos outros
Perdidos no que a morte tem de atroz
Flagelados nessa inquietação surda
Como se nela se esfume um pouco de nós.

Morremos um pouco na morte dos outros
Sem saber que estamos morrendo
Que a dor assim sentida é pungente
Anuncia a breve ilusão de que estamos vivendo.

Morremos um pouco na morte dos outros
Por mais que pareça distante e mais ausente
Por mais real e crédulo o fingimento
Apenas adiamos o que é certo e evidente.

Morremos um pouco na morte dos outros
Nesse destino de que não podemos fugir
Pois os que partem abrem trilhos e caminhos
Por onde um dia, inevitavelmente, havemos também de ir.

A outra margem

Há sempre outra margem
Outro lado onde olhar
E ver com olhos de saber ver
O que vendo nem sempre se vê
Ofuscado olhar
No obscuro de cada ser.

Há sempre outra margem
Para onde se pode ir
Onde se vê tudo de outro modo
Transparente e puro olhar
Com olhos de ver e de sentir
Outros modos de sonhar.

A Outra Vida

A vida é um chão de espelhos
Onde todos nós, novos e velhos
somos o mundo que inventamos
Como se a terra fosse corpo em nós girando
Um sítio de lugares imaginados
Com pessoas vagueando de olhos vendados
Na busca de um destino e da verdade
No labirinto obscuro do tempo
E da eternidade

A palavra

A palavra pode ser
Doce ou amarga
Com sabor a tudo
Ou nada
Com pimenta e sal
Amor e raiva
Exaltação e ardor
Fogo e luz
Cinzel ou punhal.

A palavra pode ser
Solene e grave
Guerra e armistício
Sedução e enlace
Feroz e suave
O fim ou início.

Pronunciadas as palavras
Estalam na boca como cristais
E vão soltas no que dizem
Livres no grito e no desejo
Crentes que o amor nunca é demais.

A Pitangueira

Tenho uma pitangueira
No meu quintal
Onde nos dias quentes
Adormeço na sua sombra
No embalo do seu aroma
E acordo num sonho alar
A ver os seus frutos rubros
Lábios de fogo e cor
Como pássaros a voar.

A suposta Profecia

Foram tantos os profetas
Que deixaram sinais de amargura
Castigos e punições
Ódios e flagelações
Gritos amargos de rancor
Em cada profecia, em cada Escritura
Escassos os alentos e os afetos
Sem modo para o sonho e a ternura.

E a Fé era receio, inquietação e medo
Sem espaço e tempo de salvação
Tal o pecado, tal a injúria
Cordeiros mansos no rebanho
Tementes e crentes na oração
No pânico dessa suposta sina
No que era raiva ou fúria
Flagelo e morte
Nesse modo absurdo e estranho
Da implacável justiça divina.

Não creio nessa desdita
Não entendo assim o Eterno
Que é Senhor da dádiva infinita
Da mais sublime candura
E do indizível amor puro e fraterno.

A Vida não é um mar de Rosas

Sonha-se a vida na mais genuína maneira
Um viver fraterno de cumplicidades e enlaces
Na volúpia meiga dos sorrisos e dos abraços
Erigindo a amizade como bandeira
Acreditando no rumor dos silêncios
No alvor e no brado dos gritos
Esculpindo nuvens em sonhos delirantes
Bebendo a felicidade em tragos suaves
Como se cada dia fossem todos os dias felizes
Tudo como sempre, nada como antes
Apenas o fluir deste amor inominado
Que cresce no ventre das palavras que não dizes
No lugar certo e permanente dos afetos
Na morada de todos os delírios sussurados
No canto alucinado de todos os poetas.
Só depois se sabe o sabor amargo da verdade
Que desnuda cruel o que era sonho e ilusão
Onde emergem todos os desânimos e desventuras
Das mágoas e das frustrações penosas
Num murro atroz do que é traição
E acordamos para a vida e para o mundo
A vida às vezes não é de todo um caminho brando
Nem esse sonhado mar de rosas.

A Vida, como um rio

Chegado aqui ao cimo
Desta íngreme colina
Onde agora revejo o vale
A planura que me alucina
Com pedras e ervas daninhas
E um rio que desliza
Ora sereno ora em tumulto
Contornando vicissitudes
E obstáculos ocasionais
Moldados pela brisa.

Chegado aqui ao alto
Olho o caminho que percorri
Para além das neblinas
Dos clamores e vendavais
E revejo o que vivi.

Chegado aqui ao cume
Relembro sonhos e calmarias
Atalhos e labirintos
Por onde me encontrava
E mais das vezes me perdia
A voar num sonho mágico
Para além do que a vida me consentia.

Acreditar

Acredito no que acredito
Não no que me é imposto
Ou dito para acreditar
E no que acredito não hesito
Acredito, firmemente acredito
Sem vacilar.

Mas às vezes acredito
Que crendo sou convicto
No que me deixo acreditar
Sabendo que mesmo acreditando
Não deixo de duvidar.

Acredito mais no silêncio
Do que seja suposto acreditar
Não me impressiona o que é brado ou grito
Creio sobretudo no que em mim acredito
E nisso não há volta a dar.

Amar sem medida

Amar é partilhar
Ser do outro obsessivamente
Mais do que de si
É dar -se totalmente
Sem reserva ou condição
É dividir desigualmente
É disfrutar por inteiro
Repartir tudo sem medida
A euforia e a vida
O brado e o silêncio
O sonho e o devaneio
E a emoção.
E mesmo que não reste nada
Dessa entrega impoluta
Fica o coração cheio
Não fosse o amor tumulto
Frémito e agitação
E dádiva absoluta

Amor & Ocitocina

Se as pessoas fossem mesmo felizes
De uma felicidade absoluta e pura
Permanente e constante
Ao ponto de que ser feliz fosse
Uma extrema e prazerosa loucura
Do mais inominado amante
E nesse êxtase, nessa lucidez doce
A generosidade se torne infinita
Como se fosse festa todos os dias
E todos nós, serenos e afáveis
Ébrios dessa alegria que alucina
Toda a vida, eternamente felizes
Onde a felicidade alcance o auge
A dimensão luminosa
No esplendor das estrelas
Na apoteose de um prazer extremo
Que reconcilie a terra e o céu
O humano e o divino
Numa entrega sem sequelas
Até à vertigem e o sublime.

Rui Gonçalves da Silva

Chão de Nuvens



Aqui

Deixei-me ficar aqui
A escutar o que me diz o mar
Nesta manhã solarenga e fria
Sem pressas de ir ou de chegar.

Deixei-me ficar aqui
No silêncio de mim mesmo
No aconchego de apenas estar
À espera que uma onda me leve
Aos sítios insondáveis do sonho
Onde sei que me posso encontrar.

As cidades de Betão

Em vez dos prados
Dos campos de jasmim e fenos
Das hortas e dos jardins
Dos sítios amenos
Nasceram cidades disformes
Aglomerados de betão
Que crescem para o infinito
Blocos frios e enormes
Onde compactam gente
Em redomas de solidão.
Os pássaros são agora drones
O céu é de negros fumos
Tudo exala pura tecnologia
Inefável, gélida, crua e fria
Até à exaustão.
E para alguém ver o Sol
As estrelas e a lua
Tem de ligar a televisão.

As palavras

As palavras não são só palavras
Transportam emoções, ferem ou acariciam
São setas de raiva, de amor, mágoa e lamento
Que deixam marcas, sulcos profundos no corpo e na alma
Signos que gritam, mãos de névoa e vento.

As palavras não são só palavras
Enchem memórias, prazeres e martírios
Lembram dias felizes, devaneios e delírios
Porque é esse o destino de cada sílaba
Pétalas, lágrimas, ardentes e frias
Que pairam no tempo e na lembrança
Relíquias e marcos, no inventário íntimo dos dias.

As palavras não são só palavras
São modos do que em nós é amor, carinho, furor e grito
Tudo o que nelas é enredo e sonho
Tudo o que em cada palavra pode ser dito.

As violetas

Dizem os que sonham
No seu modo de ser
Que as violetas crescem no céu
Aconchegadas nas nuvens
E florescem todo o ano
Viçosas e deslumbrantes
Em cada alvorecer.

São flores de encanto
Sorvem a seiva do orvalho
E as gotas de chuva
Quando dos olhos solitários
Caem lágrimas
Dessa tristeza incontida
Feita de frêmito e pranto.

Há sempre alguém que semeia
Há sempre alguém que crê
Que nos prados infindos do céu
Na alvura dessa imensidão
Florescem imaginárias violetas
Flores discretas e luxuriantes
Que só em sonho se vê
No alvoroço da solidão.

Balanço final

No balanço da minha vida

De um lado

Eu e os meus sonhos

E do outro

Os meus sonhos e eu

E no final não sei

Para qual dos lados

A minha vida pendeu.

Caminho interior

Vou por dentro de mim
Até ao limite
Ao princípio e ao fim
Por escuros medos
Onde ecoam sussurros
E melancólicos gritos
Obscuros enredos.

Vou sem saber o caminho
Tateando as margens
Neste eterno desencontro
Perturbado desalinho
Na procura do destino
Ao fundo, bem fundo de tudo
À procura de alguém
Talvez sejas tu essa luz que busco
No teu olhar ameno
O teu colo aconchegante e sereno
Tudo que lembro de ti, minha Mãe.

Cântico breve

Como o orvalho da manhã
Desci aos campos
De lírios e romã
E madruguei
Acordei com o teu perfume
Ébrio desse aroma
Visão breve na neblina
E de ti mais nada
Só esta mesma saudade
E o desejo como lume
Fogo fátuo na alvorada.

Chão de nuvens

Caminho tantas vezes
Por trilhos impossíveis
Por onde vou sem ir
Trilhos de nuvens
Pétalas e vento
Onde se vai ao sonho
E chegamos sem partir
No desalento.

Inquietação

Como extravasar esta ângustia
Este grito interior que dói
Esta inquietação indizível
Espécie de lume
Fogo no restolho da alma
Que dizima e destrói
Numa estranha desolação
Mágoa de não saber o amanhã
Que deixa cinzas na noite
E cicatrizes profundas no coração.

Da minha janela

O que avisto da minha janela
Não é da janela que avisto
É o que sonho através dela
Vendo mais do que é visto.

O que avisto da minha janela
Vai mais longe do que vejo
Olho fundo no que revela
Para além do que desejo.

O que avisto da minha janela
Não sei se alguém poder ver
O que vejo me revela
Tanto sonho a acontecer.

O que avisto da minha janela
Depende do meu olhar
Vejo e o que vejo me interpela
Agita e desperta o meu sonhar.

O que avisto da minha janela
Não é possível decifrar
Pois nem tenho sequer janela
Por onde possa olhar.

De que feito o Medo

O medo tem mãos, às vezes robustas garras
Que prendem, sufocam, aprisionam, enleiam
Assim como correntes, laços, grilhões, amarras
Que limitam, que ardem, que queimam e incendeiam.

Mas ao medo sobrem o destemor e a vontade
Esse furor, como vendaval, como onda ou maré
Essa força voraz, luz, fogo e claridade
Que vence, renasce, dá sentido, rumo e fé
E faz de nós outros, no sonho e na adversidade.

E o que era medo, esvai-se então
Dá lugar ao que agora é convicção e certeza
No ímpeto puro da mais serena razão
E o que era receio e fragilidade é agora firmeza.

Quando o medo supera a esperança e a ousadia
A vida muda, fica triste, lúgubre e sombria
E cresce impiedosa a mágoa, o temor e o desânimo
Até que outra luz ilumine e ofusque o que é pânico e medo
E este se perca para sempre, no mais inóspito degredo.

Declaração solene

Assim o declaro solenemente:

Eu não quero morrer

E quando esse dia chegar

Quando isso acontecer

Que fique bem claro

Irei contrariado, certamente

Assumo as consequências

Do que esta opção possa ter

Porque haveria de aceitar

Essa assumida evidência

De ter que morrer

De partir para outro lado

De me conformar com a morte

Quando a vida é para viver

E nenhum sonho pode ser adiado.

Desencantos da criação

O pássaro triste
De asa ferida
Chilreava infeliz
Num piar angustiante
A gritar aos céus
A sua dor desmedida.
Um predador voraz
Impiedoso e felino
Mutilara as crias
Impiedoso e cruel
Destruíra o seu ninho.
Num dia de Sol
A natureza em flor
Tanta quietude e paz
E um pássaro triste
Piando de dor.
Assim é a vida
A pura realidade
Tal qual as coisas são
Na beleza e crueldade
O mundo maravilhoso
Nos desencantos da criação.

Discordância em Pessoa

Não sou nada, sou um pouco de tudo
Nunca serei nada, sou o que quero ser
Não posso querer ser nada, mas quero
À parte disso, tenho tanto
Tenho em mim todos os sonhos do mundo
E que quero mais?
Sou o que sonho e sonho o que quero
E tudo cabe nesse querer profundo
Porque querer tudo ou nada, nunca é demais.

Dissimulação

A vida não é o que parece
É crua, cruel e mordaz
Fingida nos liames que tece
Tem em si, dentro, um quase monstro,
Astuto, austero, falso e audaz
Que fere, beija, morde e lambe
Ama, odeia, venera, ri e chora
Com um sorriso de virgem imaculada
Sedutora, angelical e fria
Amante insinuante e dissimulada
Que ama, mata e devora
Diabo, anjo e arlequim
Tudo oculto, tudo escondido
Na luz, na sombra e na penumbra
No sorriso fingido
Enigmática e pérfida
Até ao fim.

Ditos breves

1.A Ilusão

Ilusão
É um pássaro sem asas
Voando na escuridão.

2. O medo

O segredo
É que a coragem
soçobre o medo.

3. O amor

Isto do amor
É mais lume e gelo
Do que ardor.

4. O que sou

O que sou
É o que resta de mim
Quando me dou.

Do outro lado do sonho

Acordei num sonho
E deixei-me ficar
Indo pelo sonho até outro sonho
Sem saber de que lado estar
Pois o sonho dentro do sonho
Faz de nós seres ausentes
Às vezes dispersos e presentes
No que o sonho pode ocultar.

Não fosse a vida esse modo de sonho
Dentro de nós a interpelar
Um lugar de sombra e luz
Labirintos por onde vamos
Mesmo que seja apenas a sonhar.

Dentro do sonho, eu sonho
E nem sei quando e se desperto
Se fico no ventre do sonho
Ou se nele me deixo ficar
Na recusa de ser da vida crua
Que me leva de sonho em sonho
Refém eterno do meu sonhar.

É Assim

Sei que é assim
Não há outro modo de ser
Nada é eterno
E fico à espera
Depois de tempestade
Do vendaval e do Inverno
Haverá decerto Sol
As flores despontarão
E será outra vez Primavera

Em lume brando

Dentro de mim há um fogo
Chama ardente
Que queima e dói
Lume incandescente
Que dilacera a alma
E me corrói.
Mas desse fogo fátuo
Faço branda fogueira
Labaredas de luz
Que acendem em mim
Flamejando em lume brando
A vida inteira.

Exorcizando

Sai de mim mágoa, sai
Impura e feroz tristeza
Lânguido torpor que sufoca
Amotina e destrói.
Sai de mim tristeza, sai
Quero ser eu em cada dia
Com esta branda leveza
Fascinado de viver
Na mais ébria e lúcida alegria.

Sai de mim amargura, sai
Quero ser eu em cada instante
Igual a mim mesmo
Nesta ânsia louca de ser assim
Exorcizo a dor ou desalento
Para bem longe de mim
A inquietação que vem e vai
Deixa estigmas, sinais
E imprime no corpo essa nua cicatriz
Quero ser eu como sou
Absurdamente feliz
Vivendo a vida, em cada momento.

Por Ti

Irei por qualquer caminho
afronto mágoas e ventos
Rios, tumultos e vendavais
Escarpas de medo e pranto
Busco a claridade nas trevas
O fogo nos lumes ardendo
Tudo o que seja possível
Sem rodeios ou queixumes
Ou o mais imperceptível lamento
Tudo para acender a luz
Que cintile nos teus olhos
Tudo o que amor consente
Por ti.

Por Ti

Irei por qualquer caminho
afronto mágoas e ventos
Rios, tumultos e vendavais
Mágoas e tormentos
Escarpas de medo e pranto
Busco a claridade nas trevas
O fogo nos lumes ardendo
Tudo o que seja impossível
Sem rodeios ou queixumes
Ou o mais impercetível lamento
Tudo para acender a luz
Que cintile nos teus olhos
Tudo o que ateie este fogo
Que arde em mim, por ti.

Imo pectore – do fundo do coração

Quero dizer-te assim
Da forma mais perfeita
Do que em mim
Sei e sinto
No que isso possa ser
De concreto e exato
Absoluto e infinito
Deste amor imenso por ti.

Inominado sentimento
Fluxo perfeito, corrente
Que me prende em si
Para sempre

Não sei o que valem as palavras
Se são fiéis ao que dizem
Sei e isso sei absolutamente
Que o que digo vem de mim
Bem de dentro
Com certeza e convicção
Que o que digo sinto-o
E expressa a pura verdade
Um grito pungente
Do fundo do coração.

Incredulidade

Meu Deus, sei que devo agradecer-Te
Por tudo, pelo que sei e sou
Pelo que me vai acontecendo, de mau e de bom
E me trouxe até aqui, nesta porção de vida vivida
Com altos e baixos, avanços e recuos
Mesmo tendo alguns reveses
Alguns tropeções e sustos
Mas muito mais deslumbres e encantos
Por isso devo agradecer-Te
Mesmo quando acontece o que não entendo
Nem consigo explicar, nem decifrar
Esses sinais ocultos e inexplicáveis
Do que vou vendo sem sentido
Não tanto em mim mas nos outros
E por esses lugares do mundo
Das guerras, das mutilações, das violências
Das ignomínias e das profundas injustiças
Dos inocentes que sofrem sem razão
Das crianças maltratadas e dos mais velhos abandonados
Da dor, da fome, da miséria e da doença
E da lógica dos que tem tanto e tudo e não repartem
De tudo o que não entendo no que acontece
Numa qualquer lógica que não vislumbro
E que decerto não atribuível à providência divina
Nem cabe na minha ínfima compreensão

Inventar Outro Mundo

Se o mundo não faz sentido
Invento outro à medida
À minha maneira e opção
Mais exato e perfeito
Na mais lúcida e possível imperfeição
Basta que recorra aos artifícios óbvios
Tudo feito a preceito
Do meu querer, do meu jeito
Na minha obstinada imaginação.

Ir

Queria estar no topo da montanha
De qualquer montanha que fosse
Onde pudesse tocar o céu com a mão
E encher os olhos de vento
E sem medo de cair
Deixar voar o coração
E ir, simplesmente ir
Como pássaro liberto
indo até onde o olhar possa chegar
Cavalgando uma nuvem qualquer
Menino feliz, no doce embalo de sonhar.

Isto do Amor

Isto de amor tem que se lhe diga
Cada um sente-o à sua forma e medida
Não há maneira exata de o definir
É coisa de dentro, do modo de sentir.

Isto do amor é obscuro e complicado
Para explicar o que é amar e ser amado
De dizer se é dor, alegria ou emoção
Se mora no peito ou vibra no coração.

Isto do amor não é fácil de entender
Vem de dentro, fogueira viva a arder
Lume ateado, em brasa e em chama
Sabor agridoce de quem sente e ama.

Isto do amor não se diz nem se explica
Tem a ver com o que o sentimento implica
Não é programado, nem produto lógico da razão
É um enigmático prodígio da vida e da criação.

Lúcida alucinação

Às vezes, algumas vezes
Saio de mim e vou
Nem sei por onde
Voo algures onde nem se voa
Ao avesso do que sou
Conspiro no silêncio
Triture mágoas e raivas
Mas tudo retoma
Ao que possa ser normal
Numa lassa ternura
De amor a dois
Que fica sempre além
Numa estranha lonjura
Para despontar depois
Sou então um eterno viajante perdido
À espera de um barco que não vem

Lúcidos devaneios

Apetecia-me comer folhas de girassol
E esconder-me num ramo oculto
De uma árvore frondosa
A escutar as aves em voo
E adormecer num dia de chuva, ao Sol.

Apetecia-me colher frutos maduros
Acariciar malmequeres, jasmins e rosas
Ler um livro no cimo do pico mais alto
E correr pela relva descalço.

Apetecia-me roçar-me no musgo
Deitar-me ao relento num prado
Deixar que em mim poisem borboletas
E ébrio beber os orvalhos das estrelas
Até que a noite fosse dia
E tudo fosse absoluta paz
E tudo fosse eterna harmonia.

Lumes

Arde esse fogo louco
Ardendo na raiva voraz
Arde em labaredas esguias
Levando lume aos céus
Arde por fora e por dentro
Sobretudo num ardor latente
No fundo fundo de tudo
Uma combustão feroz
Chama ardente em convulsão
E por fim resta um manto de cinzas
Onde repousa a dor
O espanto atroz
E a desolação.

Metáfora do Voo

Podiam os homens ter asas
Para que assim voassem
E nos céus fizessem ruas, caminhos
E nas árvores casas
Aconchegos, ninhos.

Podiam os homens ter asas
E andar em bando pelos céus
Semeando nuvens, como trigo
Plantando estrelas ao acaso
Todo o infinito como abrigo.

Podiam os homens ter asas
Modos de ir por onde quisessem
Sem limites ou fronteiras
E assim voassem, simplesmente voassem
Eternas crianças, em lúcidas brincadeiras.

Podiam os homens ter asas
A partilhar o céu com os pássaros
Sem afrontas ou usurpação
E seriam felizes, imensamente felizes
Todos iguais, nessa condição.

E se os homens voassem
Conheceriam a liberdade do voo
A leveza mágica de voar
Ir por nuvens e neblinas
Ao mais inóspito lugar.

E com asas ou sem asas
Se a vontade for maior
Há de um homem sempre voar
Nem que seja por dentro do sonho
Quando o homem se põe a pensar.

Momento

Aqui estou
Cumprindo a vida
Por inteiro
Fiel ao que sou
Genuíno, verdadeiro.

Aqui estou
Sem pressa, nem demora
Na eterna espera
Todo o tempo que for
Sem data nem hora.

Aqui estou
Sem reserva, nem segredo
No mais serena entrega
Dando tudo de mim
No mais profundo desapego.

Aqui estou
Aqui estarei
Até que um dia chegues
Assim como sejas
Cruel ou serena
Não sei.

Aqui estou
Sem pressa de partir
Com vontade de ficar
Mas sei que um dia vou
Quando chegar o meu momento
Quando a luz se me apagar.

Na sombra da anoneira

Quando nos dias quentes de Verão
Deixo-me ficar na sombra da anoneira
Sob esse manto frondoso que me acolhe
Onde fico perdido e enternecido
Na sonolência dos sonhos e devaneios
Senhor de mim à minha maneira
Recolhido neste castelo de silêncios
Onde exalto sonhos e anseios
E tudo é pleno, exaltante e perfeito.
Fica bem longe esse outro Mundo
O rude grito das turbulências
Dos gestos agressivos e medonhos
Das multidões em fúria, violentas
Aqui sou eu absoluto e sereno
Na doce e tranquila paz dos meus sonhos.

Não basta

Não basta que amanheça
Que o sol inunde de cor os meus olhos
E cintile por entre as flores
A encher o vazio de cada dia
É preciso que muito mais aconteça.
Que nasça outro sol em mim
E dê alento a esta cruel melancolia
Para dissipar todo o gelo
Desta mágoa impura e fria.
Não basta que amanheça
É preciso que nasça outro dia
E algo de mágico aconteça
Que traga todo o esplendor de um sonho
E nele cresça o furor breve
Da mais genuína alegria.

Não sei sonhar

Não sei se os pássaros sonham
Mas se sonham é com o voo
Essa busca perene de plenitude
Em que o sonho mora
Onde habita o lento passar do tempo
Tudo presente no momento e no agora.

Não sei se os pássaros sonham
Mas se sonham é com o eterno infinito
Onde há apenas sombra e silêncio
E a palavra é sussurro e nunca grito.

Não sei se os pássaros sonham
Mas se sonham é um sonho perverso
Como se cada sonho fosse o começo
O limiar absoluto e possesso
Até que a palavra enfim germine
Para um dia qualquer, ser corpo num verso.

No afã de viver

A vida escorre serena ou em tumulto pelos dias
Numa viagem feita de saudade e de passado
Dias e dias que a memória obstinadamente retém
Dias e dias felizes e de outros dias também.

A memória lembra o tempo já vivido
E a imaginação cria o que há- de vir
Nesse inventário descontrolado
Feito de amor, dádiva, perdão e pecado.

A vida é feita de dias serenos e intranquilos
No caminhar incerto e no voo por dentro de nós
No percurso dos passos em busca do absoluto e do além
Na ânsia de ser feliz que cada um de nós sempre tem.

No auge

Quando te sentes no auge
Planando acima de tudo
Imponente no teu voar
Ébria estrela cintilante
No fascínio desse brilhar.
Quando olhas os outros
Nessa inusitada altivez
No torpor do teu enfado
No deslumbre do que és.
Porém acontece
Que todo o voo é breve
Por mais longe que alcance
Nada de glória permanece
Um dia tudo cessa também
E tudo sucumbe num instante
Quando o voo é mais do que a asa
Na cegueira de ir mais além.
E vais por onde vais
Por que caminho seja
Decerto tombas do alto
E sucumbes e decerto cais.

No limite

Os que vivem no limite
Na angustia de sobreviver
Com pouco mais do que nada
De um nada que pode ser
O quase tudo para existir
E passam pela vida nas margens
Do outro lado, no sítio de ninguém
No lado sombrio, obscuro
Onde habita quem pouco ou nada tem.

Os que vivem no limite
De pouco ou nada ter
Na luta constante da sobrevivência
Cada dia outro dia, dos dias sempre iguais
Náufragos nesse mar glacial de indiferença
Cada dia uma luta, uma mesma incerteza
Nos mesmos caminhos e rituais
Saciando a fome das migalhas dos outros
Vivendo das sobras, de sonhos e pouco mais.

No lugar do Outro

Só se entende o mundo
O sentimento, o destino e as pessoas
Com um olhar isento, fora de nós
Colocados no lugar do outro

Forma de exorcizar esse egoísmo inato
Castrador, cruel, arrogante
De vermos tudo à nossa maneira
Zelosos do nosso medo
Que nos faz frios, intolerantes.

Somos todos seres errantes
Habitantes ocasionais de um lugar
No percurso incerto de uma vida
À procura de um destino qualquer
Em derivas constantes
Nos atalhos, nos escombros
Do que afinal somos
Frágeis criaturas, vulneráveis, impuras
Em passagem para outro lugar
Todos iguais
Todos eternos migrantes
Todos simples mortais.

No voo do pássaro

Vou no voo do pássaro
Até onde os meus olhos voam
Para além do que vejo
Nos confins de tudo, onde já é sonho
Nessa liberdade infinita
De ser do que sou e sinto
Nas asas do meu desejo
Tudo o que o amor consente
Tudo o que me faz diferente
Neste frémito que me agita
Na ânsia voraz de um beijo.

O Natal de todos os Dias

Todos os anos é assim
Cumpre-se o mesmo ritual
É Dezembro, é inverno
É o frio, o aconchego
O presépio e os enfeites
As prendas e os sorrisos
Os votos e os desejos
As pessoas estão felizes
Dão-se abraços e dão-se beijos
É o tempo de Natal.
Mas podia ser sempre assim
Não há mistério neste tempo
Não há nada de especial
Bastaria que Dezembro
Fosse igual nos outros meses
E de modo tão normal
Todos os dias de cada ano
Com o querer de todos nós
Poderia ser Natal.

O amor excessivo mata

No imaginário das fábulas
Fala-se de suposto amor
De uma paixão caricata
Não correspondida
Entre uma cobra e uma pata.

A cobra estava apaixonada
Por uma insinuante pata
E por mais que a seduzisse
Nada da pata ingrata

Mas um dia a cobra decidiu-se
E lançou-se à pata
Apertou-a num abraço intenso
Com o fervor desse amor
Tanto como a sua paixão
Mas sufocou a incauta
Sem saber que tanto amor
Também mata.

O Caminho

Por onde chego à estrada de Damasco
Por onde possa ir na busca da luz
E ouvir essa Voz que me diga
O rumo certo e o caminho
E dissipe a dúvida que me intriga.

Por onde chego, por onde é
Esse trilho algures na terra ou céu
O sítio que me indique o destino
A força que me alente e me anime
E desperte em mim a certeza e a fé.

O Circulo Perfeito

O meu mundo cabe no meu dia
No espaço do que sou e invento
Ilimitado desejo no voo que me liberta
Que me leva aos sítios de absoluta magia.
Não importa onde estou
Eu sou o que sonho e penso
Rasgo sempre as supostas fronteiras
Não me contenho nos limites
E vou por onde quero
Na busca eterna desse infinito
E acendo estrelas e sóis
Mesmo que apenas dentro de mim.

O desfiar dos dias

Os dias passam serenos
No desassossego do tempo
Paulatinamente, fio a fio
E vou neles desencontrado
No eterno desafio
De cada dia.
A inquietação é a de sempre
No alvoroço e no prazer
Desfio os sonhos
Que nem sei se sonhei
Pétalas de uma qualquer flor
E deixo-me ficar
No meu canto assombrado
Sem me revelar ou expor
E assim adio
O que supostamente tem de ser.

O grito

Oiçam o meu grito
O que clamo do meu íntimo
Por um pedaço de infinito
Que deixe de mim
O que sou e sinto
A ferro e fogo inscrito
Em tudo o que faço
No sorriso, no beijo
No mais sublime enleio
No afeto e no abraço
Em tanto que tenha dito.
Oiçam o meu grito
Contido no reverso das palavras
Oculto no silêncio
Na sombra e na luz
Em tudo o que tenho escrito.
Oiçam o meu grito
Escutem este meu lamento
Mesmo que dissimulado em sombras
Mesmo que oculto no silêncio.

O Instante

Aquilo que a vida acresce e o espanto aduz
É o lúcido grito de uma felicidade transbordante
Que dá a cada momento o fascínio da cor e da luz
E o amor mais sublime, único, em cada instante.

O Labirinto

De repente, num ápice
Sinto-me enredado
Numa espécie de labirinto
Assim como se enclausurado
Numa estranha redoma
Um castelo algures no tempo
E eu perdido nos confins
Entre brumas e vento.

A minha vida em desalinho
Num beco sem saída
E eu no desalento, sem norte
Sem saber o caminho
Entregue à minha sorte.

Felizmente tenho essa vantagem
Essa mágica alquimia
Que quando quero sonho
E parto livre nessa viagem
Assim estou onde quero estar
Faço do medo coragem
E transformo o receio em ousadia
E nada me faz soçobrar.

O Lado Feliz

Tudo ou quase tudo
Tem o seu lado feliz
É o que vou aprendendo
É o que a experiência me diz.
Mesmo que para encontrar esse lado
Tenha de cavar fundo
Bem fundo, ao fundo de tudo
Para descobrir para além do oculto
Outro lado de tudo
Fincando as mãos na terra
À cata desse mundo
Sulcando o mais profundo
Pois tudo ou quase tudo
Tem o seu lado feliz.
Vou nessa procura incessante
Quase possessa e impetuosa
Perscrutando o silêncio
Indo ao fundo das coisas
Nos confins de tudo
Até à raiz.

O Medo

No meu sonho
Vem sempre um cavalo negro a galope
Que me inquieta
E assusta
É ele o corpo dos meus receios
E dos meus medos
Uma espécie de furor
Um quase golpe
Esse eterno galopar
Até que outro cavalo surge
Branco, dócil e galante
Suave, fraterno e manso
Num imenso prado verde, a pastar.

Em fundo um céu azul
Um arco-iris cintilante
E vejo o cavalo branco a voar
Então adormeço tranquilo
Vou nas asas do sonho
Sem desejo de acordar.

O silêncio do pintor

Na tela branca inventa o mundo
Num modo seu de ver e de sentir
A vida perpassa no traço, no esboço e no arabesco
Que depois é corpo e alma no que pinta
Com as cores desse universo a fingir
Mundo que retrata no deslumbre e no grotesco.

Desenha as formas perfeitas que decifra
Nos enigmas que pairam no seu olhar
Tudo à medida do que sente e aspira
Nos tons de luz, da terra e do fogo
Nesse universo seu, feito de amor e ira.

É senhor desse mundo que depõe na tela
Os seres que cria são entes reais imaginários
Vindos de um além que renasce dentro de si
Viajantes errantes mágicos e solitários.

O que as palavras dizem

O amor é feito de palavras
Que crescem aos gestos doce fulgor
E dão sentido outro à emoção
Do que se quer de sublime expressar
No que pulsa exaltante no coração.

O amor é efeito de palavras
Que ficam aquém do que se quer dizer
Deste indizível sentimento perfeito
Aluvião de afetos por dentro a crescer
Um rio turbulento a correr no peito.

O amor é feito de palavras
Que dão luz e cor ao que se diz
Sem dizer tudo o que se sente
Nesse eterno desencontro das palavras
Que gritam o modo de ser feliz.

O que Sinto

Escrevo o que sinto
E sinto o que escrevo
O que escrevo vem de dentro
Do profundo mais profundo
Que me instiga e desafia
Um quase impulso
Um misto de dor e alegria.
Escrevo o que sinto
Sigo o instinto
Na procura do meu ser
O meu modo de sentir
A forma íntima de dizer.
Não procuro eloquências
Nem fingimentos
Digo o que sinto
Das minhas emoções
Das minhas vivências
Com as palavras puras
Que falam de mim
Na simplicidade genuína
Do que sei, creio e sinto
Na leveza do verso
No embalo ébrio da rima.

O Riso

Soltou-se o riso
Ecoou no dia como trovão
Uma gargalhada sonora
A explodir alegria
A extravasar emoção.

Soltou-se o riso
Grave, doce, estridente
Luminoso, quente, vibrante
Que o coração sente
E pulsa de amor
Eternamente

Não fosse o riso grito
Voz de um alvoroço íntimo
Para dizer o que tem de ser dito
Eco de um sonho e desejo
No despontar de um sorriso
Porque o riso é palavra
Com a ternura plena de um beijo.

Soltou-se o riso
Há tanto tempo sufocado
E voou para longe
Como turbilhão e vendaval
Como liberdade e brado.

Soltou-se o riso
Quebra o silêncio
Desnuda o corpo
Sem receio de ser
Até que alguém entenda
O que o riso quis dizer.

O ser quase perfeito

Existe, eu sei que existe
É a minha profunda convicção
De haver por aí, um ser quase perfeito
Mesmo que algo imperfeito
No que pode ser a possível perfeição
Imperfeita decerto
Mas mais do que perfeito
No modo de ser
De se dar ao mundo e a todos
No seu hábil e afável jeito.

Existe, eu sei que existe
Alguém nessa condição
Que existindo resiste
Perdido na multidão
Um ser que se reparte
Que em vez de ser corpo
De ser de si, é dos outros
E de amor e de ternura feito
Um ser quase perfeito
No que pode ser a perfeição
Que em vez de alma e ego
Tem infinita generosidade
E um enorme coração.

O estranho silêncio De

Mais do que palavras ditas
É importante escutar o que não se escuta
Entender os enigmas e sinais
Que o sentido não prescrua.
É urgente quebrar este silêncio
Que se explique o inexplicável
O que vai para além do que se pode ver
O que ninguém consegue entender.
Tem de haver um rumo e um caminho
Que dê sentido a tanta prece e oração
Desmistifique tanto vazio e omissão.
Este mundo não gira sozinho
Há de haver um qualquer desígnio ou condição
Que explique o que acontece
Por mais absurdo que tudo pareça
Tem de haver um qualquer sentido
Uma lógica, uma razão
Para que o dia amanheça
E a noite semeia a escuridão
Tem de haver eco de tanta incerteza
Um gesto, um grito, um alento
Para acomodar no peito
Tanta dúvida, tanta inquietação
Tanta dor e sofrimento.

O sujeito Nulo

O sujeito nulo é abjeto
Não tem sexo, é possuído e possesso
Alguém que tem um fito na mira
De chegar e vencer
Custe o que custar, é certo
De fim obstinado e concreto
Sem olhar a meios e ao preço.
Quem crê que é mais que tudo
Não sendo nada, absolutamente nada
Destituído de postura, valores e de alma
Alguém oco e vazio
Que ao arrepio da razão
Pisa os outros para se impor
Ora em bicos de pé
Ora em voo rasante, rente ao chão
Esgueira-se ágil e trepa
Simulando o que não é
Na mais ardilosa dissimulação.
Quem por atalhos, becos e travessas
Chega aos píncaros, sem pudor
Ao topo do mando, no desmando de querer
Apenas na ânsia de chegar e de aparecer
A troco seja do que for
Neste mundo vil, às avessas.

O tempo nas árvores

Não sei se as árvores se dão conta
De que nelas a vida emudece leve
No silêncio plasmado nos ramos e nas folhas
E seguram o tempo em si no vetusto olhar breve
Enquanto as pessoas se enternecem de felicidade
Elas ficam tenazes as raízes na terra
Com o furor intenso de quererem ficar
Numa lenta e densa eternidade
Como se aguardassem o retorno à semente
De que outrora haveriam de germinar.

O Zero

Nada se cria do nada
Pois o nada não existe
Há sempre um esboço,
Um ténue exquise
Um breve começo, um início
Que vem de qualquer semente
Que brota de algo que subsiste
E germina dando forma e corpo
À ideia que flui na mente
Para gerar tudo que existe.

O nada absoluto
É mais do que um suposto vazio
De um vácuo cheio de nada
É já a centelha ínfima que ateia
O ventre negro de obscura lava
Onde floresce o sonho
E nasce a ideia
No corpo quente da palavra.

Os ilustres incompetentes

É vê-los arrogantes
Navegantes sem saber da arte
Artífices da artimanha
Espertos ignorantes
Dotados de astuta altivez
Sempre convictos e confiantes
Sem saber dos ventos e marés
Mas senhores do leme
Arautos da desfaçatez
De quem nada teme.
São eles e elas
Subindo trepando
Sem modos nem pudor
Por atalhos e vielas
Nem o céu é limite
Para tanto saber e empenho
E ofuscante esplendor
São supostamente dotados
Da arte do engenho
Determinados e valentes
Ludibriam os incautos deslumbrados

Outro Natal

É este o tempo renascido
Fraterno, pungente e vivo
De cada grito ecoar fundo
De cada palavra ter outro sentido
Para que vibre no coração da gente
Para que mude o que tem mudar
Nas pessoas e no mundo.

É este o tempo renovado
Para agitar a emoção e o sentimento
Para ser luz no que persiste obnubilado
Para dissipar o que é dor e sofrimento
E tudo mude, urgentemente.

É este o tempo de um tempo novo
De entender o que vem de longe
O que oculta cada presépio
O que clama o anjo anunciador
Para que alguém enfim escute
E todos entendam os ritos e o sinal
Dessa mensagem de concórdia e amor
E renasça em cada um de nós esse Messias
Que agite, grite e exulte
E seja finalmente Natal.

Outros Dias Assim

Nos dias felizes
Parece que tudo tem mais cor
Tudo tem outro sentido
Tudo ganha outra forma
A cor tem cambiantes e matizes.

Os nossos olhos
Em dias assim
Voam bem mais longe
E o coração pulsa no peito
Como se tu estivesses em mim.

Nos dias felizes
Não há mágoa ou rancores
Tudo tem outra harmonia
Sou todo de ti
Oíço mais o que me dizes.

Nos dias felizes
Há sempre outro Sol e mais luz
E esta fúria redobrada
Feita de amor e quietude
A opção é viver sem limite
simplesmente num tudo ou nada.

Pássaros no céu

Em bando os pássaros no céu
São donos do tempo e do espaço
E eu vou com eles deslumbrado
Num manso voo de puro enlaço
Na vertigem dos dias a voar
Como se o céu fosse corpo fluído
Onde o sonho se desfaz num doce abraço.
No voo dos pássaros há toda a pureza
Feita de plumas, liberdade e vento.
Os pássaros às vezes lembram palavras
Libertas para o olhar de quem as queira
No encanto de cada momento
Palavras vivas, soltas no voo
Feitas de bruma, nuvens e leveza

Pássaros em bando são como palavras pelo ar
À espera que alguém as decifre
No seu modo sereno de gritar.

Pastor de sonhos

Sou pastor de açucenas
De girassóis e jasmim
Pajem e artesão
Num reino perdido
Querubim e arlequim
A fugir da solidão.
Amanso cóleras e inquietações
Liberto da bruma
E da fúria dos dragões
A princesa de tranças loiras
Detida na torre de marfim.
Sou promotor de Paz
Que se dá aos outros
Em tudo de si
E de amor se desfaz
Cavaleiro e arauto
Obstinado e possesso
Na procura de ti.

Por onde Vou

Ontem era jovem, hoje já não sou
Os meus cabelos brancos dizem do tempo que passou.
Em mim, dentro de mim, sou o mesmo
Nada ou pouco se alterou
Sei o meu rumo, o meu caminho
Sei decididamente para onde vou.

O corpo dá já alguns sinais
Desta dor indizível que flagela
De não entender o sabor de algumas agruras
E a crueza fria dos punhais
A dor que o tempo revela.

Continuo a ser o que sou
Igual a mim, como sempre fui e serei
Tranquilo no meu caminho e sereno neste caminhar
Nada me demove de mim
Sei de onde venho e por onde irei
E sei aonde quero chegar
Na tranquilidade absoluta de ser
À espera que um anjo qualquer me dê a mão
E cesse a minha obsessiva busca
Este eterno e inquieto procurar
O lado luminoso da solidão

Quando a palavra diz

A palavra diz
O que se quer dizer
Às vezes sim, outras não
Aquém do que ser sonha
Do que deve ser.

A palavra diz
Ou tenta dizer
Um modo de exprimir
Às vezes fiel ao que se quer
Ao modo de sentir.

A palavra diz
O que se quer dizer
Às vezes serena
Outras agride
Ou sublima
Às vezes é bruma
Outras neblina
As vezes encadeia
Cega e oprime
Outras liberta
Clamor que incendeia
E ilumina.

Quando chegar o Verão

Anseio por esse outro tempo
Quando sinto este frio gélido
Este vento ensurdecedor
E este mar alteroso
Num desmedido furor.
Então imagino a chegada do Verão
Dos dias doces e tranquilos
E noites aveludadas de aromas
A despertar a sedução.

É sempre assim
Esta insatisfação constante
Não estamos onde estamos
Queremos o que não temos
Nesta procura incessante
À espera de outros tempos
De outros modos de ser.

Mas quando chegar o Verão
Hei- de ter saudades do frio
Do vento sussurrante a passar
Dos dias melancólicos e sombrios
E do aconchego da chuva a tilintar.

Quando finalmente, a liberdade

E aconteceu um dia, num repentino momento
De num ápice ficar só, numa solidão encantada
Senhor do meu mundo, onde era eu que imperava
Todo o tempo meu e mais nada.

E ali estava eu, sem pressa, sem submissão
Senhor de mim, da minha vida, do meu tempo
A decidir com bem entendesse, como a vontade quisesse
No meu canto, no meu lugar, em êxtase e deslumbramento.

Era eu no meu castelo de brumas inventado
Experimentava agora o sabor de apenas ser
De fruir os silêncios e os instantes
Deixando a vida fluir e fosse o que fosse acontecer

Se me apetecesse ir por qualquer caminho, ia
Se optasse por ficar, ficava, sem medos ou receios
Se me decidisse apenas estar, estava
Deixava-me levitar por sonhos e devaneios.

Finalmente eu, num mundo meu, como nunca estive
Era feliz como se é, quando somos a nossa vontade
O modo absoluto de ser livre
E finalmente a viver, sentindo o sabor doce da liberdade.

Quando o Vento é fúria

Quando sinto o vento em alvoroço
Num esgar zangado e violento
Rosnando grave e grosso
Elevando tudo numa fúria desmedida
Fico inquieto no meu medo
E compreendo a fragilidade de tudo
Sobretudo do tempo e da vida.

Nada mais me faz despertar o desassossego
Quando escuto o rouco esgar do vento
Quanto sinto essa inquieta turbilhão
Num rodopio voraz, cego, louco e intenso
É como se escutasse um estranho grito
De qualquer deus desavindo
Furioso com tudo e todos sem exceção
E a condenar- nos ao castigo
Com se o vento fosse assim um modo
De expressar raiva impiedosa
A fustigar tudo numa cruel flagelação.

Mas depois vindo a calmaria e o sossego
Não me lembro de mais nada
E tudo é leveza na brisa que passa
No sopro sereno da vida que me afaga.

Quando tudo rui

De repente, num ápice, o colapso
Tudo se desmorona, por dentro e por fora
E não se sabe o caminho, o lugar onde ir
Há o desconforto de uma imensa solidão
Que destrói os sonhos e devora
E leva consigo tudo o que se possui
Do que antes fora amor e paixão
E nada fica de outrora
Pouco resta de todo esse tempo
Apenas uma lágrima resiste
E tudo à volta rui
E o que resta do amor, desmorona.

Além

Seguem os meus olhos o voo dos pássaros
Ávidos e deslumbrados dessa liberdade infinita
Não fosse o céu esse imenso mar de nuvens
Onde pairam os sonhos a que me dou
Um dia irei por esses caminhos
Pássaro inventado que eu sou
Só para me sentir livre e liberto
Noutra vida, noutra condição
E extasiar-me de luz e imensidão.

O voo dentro

Seguem os meus olhos o voo dos pássaros
Ávidos e deslumbrados dessa liberdade infinita
Não fosse o céu esse imenso mar de nuvens
Onde pairam os sonhos e o amor se agita.

Um dia por esses caminhos decerto irei
No rumo do que o destino em mim traçou
Pássaro inventado que eu sonhei
Só para me sentir livre do que me aprisiona
Num voo inquieto, por dentro do que sou.

Senhor de Mim

Estou farto de cumprir normas
De condicionar-me às regras
De ter horários e metas certas
De andar às cegas
Quero ser eu, livre, liberto
Poder ler um livro até ao fim
Ou não ler
Ou rabiscar, escrever
Uma prosa, um lunático verso
Ou textos desconexos
E não esses enfáticos discursos
E relatórios sem nexos
Leis e pareceres
Como tem de ser.

Silêncio

Assim este vazio
Este profundo imenso
Sem ruídos
Sem gritos
Sem vozes
Só o silêncio.

Assim esta calma
Este vago intenso
Esta serena quietude
Sem ecos
Sem rumores
Só silêncio.

Assim esta paz
Este fragor denso
Este outro momento
Sem sons
Sem sussurros
Só o silêncio.

Tão Simples

A minha vida é simples
Vivida de impulsos e perplexidades
De alegrias e tristezas
De sonhos e outras veleidades
Vivida como tem de ser
Sem sobressaltos ou proezas
Num trajeto desigual
Não obstante os alçapões
E às vezes quedas
Mas vivida como gosto
Com suspiros e devaneios
Numa entrega plena, total
O coração franqueado, exposto
Eu, assim como sou
Livre e senhor de mim
Averso a normas e a regras
Sem saber para onde vou.

Sou de Tudo

Sou da terra, sou do mar
sou da noite, sou do dia
Sou de aqui, de qualquer lugar
Sou da tristeza ou da alegria.

Sou da paz, sou da brandura
Sou da gente a trabalhar
sou a força e a ternura
Do que a vida faz sonhar.

Sou da vida, sou do tempo
Sou da paixão, sou do amor
Sou das palavras que invento
Da calma e do furor.

Sou do que do amo, gosto e digo
Sou das causas que acredito
Sou amigo mais amigo
Sou a voz e sou o grito.

Tal e Qual

As coisas são como são
Reais, absurdas, concretas
Injustas, imponderáveis
Óbvias e desconexas
Ou não.

As coisas são como são
Cruéis, amargas, felinas
Incertas, inexplicáveis
Lógicas ou incompreensíveis
Ou não.

As coisas são como são
Acontecem porque tem de ser
Não há volta a dar
Não é como se quer
É ir em frente, dar peito à luta
E seja o que Deus quiser.

As coisas são como são
Tão simples como isso
Apenas factos e realidades
Nem mais nem menos
Como tudo tem de ser
Ou não.

Ter ou não ter

Não tenho nada

Mas tudo tenho

Esta felicidade imensa

Desmedida, sem tamanho

E o coração pleno de amor

No peito a bater, como se voasse

Nesta ânsia ébria que ele sempre tem

De dar-se aos outros em tudo

E não ser afinal de ninguém.

Titereiro

Andam pelas sombras
Esgueiram-se pelos becos
Sempre funestos, esquivos
Senhores de mil ardis
hediondos e abjetos
soberanos, altivos
cruéis qb e hostis.

Manipulam tudo e todos
Com prazer e paixão
Amesquinham, subjugam
Vociferam e gritam
Ruminam ladainhas
Em suposta devoção.

A seus pés tantos
Que veneram e aplaudem
Em delírio e prantos
Aduladores confessos
Meros fantoches
Dementes possessos
Que pairam e flamejam
Espécie de aves raras
Que em vez de voar
Sem pio, rastejam.

Dóceis criaturas
Que se deixam iludir por inteiro
E vivem submissas
Às ordens e mandos
De um qualquer titereiro.

Tudo

Tudo de mim é teu
Tenho o coração nas mãos
Leva-o, como se fosse estrela
E faz dele o que quiseres
Ele já não faz parte de mim
É mais teu do que meu
Nesta entrega de amor sem limite
Deixa-o no aconchego de ti
Deposita-o no lugar secreto
De um qualquer jardim
No ventre dos malmequeres.

Basta em nós um coração
Que pulsa do mesmo jeito
Que o amor é assim
Sem comandos e sem regras
Vive em nós, fora do peito
Em serena comunhão.

Um abraço

O que quer que diga
Não diz mais do que faço
Se gosto de ti dizendo-o
Digo-o mais num afago
Num gesto, numa carícia
Expresso-o melhor no que sinto
Sem dizer nada
Apenas num profundo
E longo abraço.

Um sonho nefelibata

Não sou de aqui, sou de outro lugar
Nem sei bem de onde, não sei nomear
Sei que é para além deste chão
Do rude frio das terras e das pedras
Talvez no além, para além do que vejo
Um lugar onde habita o sonho e a ilusão
Um sítio inominado do puro desejo
É esse lugar que busco e procuro
Para além do medo e das trevas
Onde exista paz, harmonia e luz
Um hoje absoluto e intemporal
No encanto de cada sereno amanhã
No recanto mais onírico e puro
De uma esplendorosa aurora boreal.

Viajante eterno

Gostava de ser o que não sou
Um viajante eterno a viajar
Sem morada certa de estar
Nem lugar onde voltar.
Queria ser livre, viajante solitário
Calcorreando mundos sem destino
Indo sempre por outros caminhos
Novos rumos a descobrir
Soçobrando a ânsia de chegar
Com o constante desejo de partir.
Queria ser do mundo mais do que de mim
Ir, sempre na procura de outro lugar
Abrindo portas, fechando janelas
Caminhante incessante por aí
Na pressa da vida ser escassa
Para tanto mundo desvendar.
Gostava de não ter amarras
Nada que me prendesse a nada
E que o coração me deixasse ir
Livre de saudade e emoções
Liberto para apenas partir
Na vertigem da próxima chegada.

Viajante imaginário

Não sonho ser mais do que sou
Fechado em mim, não fico, parto, vou
Por tantos enredos e viagens imaginárias
Não sou de mim, sou de onde estou
Sou de tantos lugares, sítios do mundo
Tantos quanto posso ir, sem viajar
Indo em viagens tranquilas
Por dentro de mim a sonhar.

Vou por atalhos a todos os lugares
O mundo cabe onde penso e procuro
A partir do meu recanto
E vou, por caminhos que nem sei
Sem partir, sem chegar
Num voo de deslumbre e espanto
Sempre sem sair de mim
Ao encontro de onde quero estar.

O nome de Deus (YHWH)

E consta que Ele disse:
No clamor da luz
“Eu sou o Que Sou”
E por isso
Acredito no que é dito
No que em mim moldou.
Eu sou filho desse destino
Que um dia me tocou
Para ser eu assim
Igual a mim, como sou
Sabendo que além de tudo
Sou o que a vida me fez
No trilho já traçado
Os dados foram lançados
E tudo aconteceu
Segundo os desígnios supremos
Da eterna vontade de Deus.

A Ablação De

Quer sejam gentios, crentes, ou pagãos
Hereges, agnósticos, devotos ou ateus
Fervorosos praticantes, católicos ou cristãos
Adoradores do Sol, do silêncio, ou de um qualquer Deus
Sejam o que for, convictos ou incondicionais tementes
Amantes de si ou dos outros ou de toda a gente
O que importa é o que possam ser e o que são
Dando à sua religião sentido e verdade
Que enlevem aos céus mais do que o corpo, o coração
E tenham os braços sempre abertos à fraternidade
A um afago, à dádiva, à ternura e ao perdão
Essa entrega é que une os homens aos demais
Como desígnio de qualquer credo ou religião
O que diferencia e nos torna mais humanos e iguais.
O mais são pormenores, minudências sem sentido
Não explicam a fé, a crença, o amor e a devoção
Deus não é punição, não é temor, nem castigo
Mas recato, tolerância e ameno abrigo
Que não consente qualquer suplício ou flagelação
Nem sofrimento, nem dor, nem ódio, nem rancor
E muito menos qualquer absurda ablação
Não se alcança o divino sem se redimir o mal que se faz
nem se esgrime as ideias com punhal na mão
Pois os caminhos de Deus são trilhos de amor e paz
Por onde se vai despojado de tudo, em serena contemplação.

A Chuva

A chuva cai do céu
Saciando a sede desta terra seca
Rugosa e ávida
E tudo o que vem do alto
É uma festejada bênção
Uma eterna dádiva
Que só pode ser acolhida
Com reconhecida gratidão.
Cai a chuva do céu
Queira ou não queira
Quem pensa que pode querer
Nada sustém esse desígnio
Ninguém tem esse poder
Como a chuva cai quando quer
Só nos resta aceitar
Tudo que na vida acontece
Tem a sua exata razão de ser.

A construção do Olhar

Vejo-te com este meu olhar sereno
Um modo de ver que enfatiza o sonho
E olha no âmago do que vê
No profundo invisível de tudo
Um olhar comedido e brando
De quem acredita, de quem crê.

Este meu olhar complacente
De quem observa, escrutina e sente
E vê a infinitude numa estrela
A melancolia do mar imenso
E o que se oculta nas sombras
No fragor do silêncio.

O meu olhar antecipa o que digo
Descortina o mágico e o esplendor
Vê numa nuvem todo o universo
A primavera a acontecer numa flor
E o grito da palavra num verso.

O que olho, é mais o que desejo
O amor que se esconde num beijo
O sentido perfeito que a vida devia ter
É assim o meu modo deslumbrado de ver
Porque o meu olhar vê, para além do que vejo.

À deriva

Às vezes derivo

Ando desenhado

Mais morto do que vivo

Mas luto, prossigo

Mais resignado

Do que convencido.

Evito as confusões

Os atropelos

As multidões

Torno-me solitário

Receoso, esquivo

Interpelo a sombra

Na procura da luz

Até que encontro o teu colo

A tua mão

Esse eterno abrigo

Da minha solidão.